

De fraco a moderado

Mercado sente os reflexos da elevação de preços, com impacto maior em produtos mais elaborados, que vinham ganhando espaços na mesa

Se um meteorologista, tão presente nas previsões para o dia a dia dos produtores na agricultura, fizesse uma análise da intensidade do vento nas vendas de produtos da horta, poderia dizer que está de fraco a moderado. Isto não quer dizer que não tenha provocado turbulências. A alta de preços, ocasionada justamente em virtude de adversidades climáticas, ao lado do poder aquisitivo da população afetado pela retração econômica, está repercutindo no consumo. O movimento registrado mostra redução na demanda, em particular ao longo de 2015.

A comercialização de hortigranjeiros nas Centrais de Abastecimento (Ceasas), que funcionam em 63 pontos do País e respondem pela maior parte das vendas do setor, apresentou queda de 2,1% no ano, em relação a 2014. Já o valor transacionado teve aumento de 4,6%, como divulga a Companhia Nacional de Abastecimento (Conab), pelo Programa Brasileiro de Modernização do Mercado Hortigranjeiro (Prohort). Questões climáticas, restrição de irrigação e aumento nos custos dos insumos, de acordo com sua justificativa, interferiram na oferta e elevaram os preços.

Carlos Cogo, consultor em *agribusiness*,

da mesma forma, observou em 2015 redução no consumo *per capita* total de cinco produtos do setor, que acompanha. Os números levantados são menores para batata (de 20,9 kg para 20,7 kg), tomate (22,3 kg para 18,9 kg) e cebola (9,7 kg para 8,6 kg), enquanto se mostram semelhantes para cenoura (de 4,1 kg para 4,2 kg) e alho (0,8 kg). Sua explicação, da mesma forma, está ligada ao clima adverso, que gerou problemas de oferta e preços, onde teria interferido ainda o câmbio, na maior importação exigida, além da influência do crescente desemprego.

Para 2016, prevê pequena recuperação em tomate e cebola, baseado em “projeção de melhoria do clima e da produção, com recuo dos preços ao longo do ano”. De qualquer modo, Cogo vê que deve se acentuar tendência já registrada no ano anterior, de impacto maior da inflação em produtos de mais valor agregado (embalados, processados, congelados) e migração para similares mais baratos. É justamente um segmento que vinha se encorpando, como é o caso de batatas pré-fritas congeladas, que aumentou de 188 mil para 314 mil toneladas entre 2009 e 2012.

O Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas (Sebrae), neste aspecto, notou nos últimos anos, junto com órgãos, “forte demanda por produtos de tamanhos e cores diferenciados” e ampliação da oferta de produtos pelas indústrias de “vegetais conservados, gelados ou supergelados, desidratados e liofilizados, além de hortaliças minimamente processadas”. O mercado na área igualmente registrou crescimento de “produtos prontos para consumo”, pela praticidade e pelo menor desperdício.

As chamadas mini-hortaliças (geneticamente reduzidas) e as “baby-leaf” (folhas jovens obtidas com artifícios de manejo) também ganharam espaço, pela combinação de visual, sabor e praticidade, em especial junto a crianças, como constata a Embrapa Hortaliças. Os materiais utilizados em miniprodutos são estrangeiros, o que requer estudo de novas cultivares e cultivo nas condições tropicais, afirma o pesquisador Warley Nascimento. Para crescer mais, é preciso avançar no caro sistema de produção, em particular nos “baby-leaf”, ratifica Luís Felipe Purquerio, do Instituto Agrônomo de Campinas (IAC).

PRODUTOS SEGUROS

O consumo de hortaliças tem sofrido pelas “constantes más notícias que nossas autoridades insistem em reforçar na mídia, de forma mentirosa”, sobre agrotóxicos no setor, comenta Waldir de Lemos, presidente da Associação Comercial dos Produtores e Usuários da Ceasa Grande Rio (Aceagri), também da Câmara Setorial no País. Para combater “essas inverdades” e evitar as confusões e o mal-estar gerados em várias situações, ele assinala que está sendo feito trabalho para que a Agência Nacional de Vigilância Sanitária (Anvisa) libere produtos com as especificações exigidas para cada cultura.

No mesmo sentido age a Comissão Nacional de Hortaliças e Flores, criada pela Confederação da Agricultura e Pecuária do Brasil (CNA), em 2015. O registro de defensivos agrícolas para “minor crops”, culturas pequenas, e a discussão a respeito “são importantes para ajudar o produtor a proteger o alimento de pragas e doenças e o tira de ilegalidade involuntária”, assinala Eduardo Brandão Costa, assessor técnico. Ademais, o organismo quer atuar na promoção do consumo, ainda considerado baixo, e estabelecer alternativas para aumentar as exportações do setor.